

A várzea chegando ao centro

Prof. Flávio Nunes dos Santos Júnior

E. E. Tenente Ariston de Oliveira

O presente texto relata uma experiência junto às turmas do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Tenente Ariston de Oliveira, situada na zona sul da cidade de São Paulo, no distrito do Capão Redondo. A unidade oferece o Ensino Fundamental II e Médio nas modalidades regular e Educação de Jovens e Adultos e pertence à Diretoria de Ensino da Região Sul 2.

Essa experiência pedagógica caminhou na contramão das ideias educacionais empregadas pela rede estadual. Em 2008, a Secretaria Estadual de Educação publicou uma proposta curricular na tentativa de garantir a todos os estudantes uma base comum de conhecimentos, para que as escolas funcionem de fato como uma rede. O referido documento apresenta os princípios orientadores para uma escola capaz de promover as competências indispensáveis ao enfrentamento dos desafios sociais, culturais e profissionais do mundo contemporâneo.

A fim de subsidiar a ação docente, foram elaborados e distribuídos cadernos de apoio ao professor e aos alunos. Mais detalhado que a proposta curricular, o material é organizado por bimestre e disciplina. Apresenta situações de aprendizagem para orientar o trabalho do professor no ensino da disciplina. Os conteúdos, habilidades e competências são organizados por séries e acompanhados de orientações para a gestão da sala de aula, a avaliação e recuperação da aprendizagem, bem como sugestões metodológicas para as aulas, experimentações, projetos coletivos, atividades extraclasse e estudos interdisciplinares.

Com base nos Estudos Culturais, Silva (2004) ressalta que o currículo é um artefato que expressa significados, sendo construído social e culturalmente a partir das relações de poder. Gonçalves (2010), por sua vez, salienta que a educação e o currículo são territórios de luta e significação por poder, construídos a partir da diversidade e pluralidade de seus atores. Não há como afirmar que o currículo está posto e acabado, nem que tudo o que compõe o currículo é apenas aquilo que está presente e visível aos olhos. O que está ausente também interfere na constituição dos sujeitos da educação.

Diante do exposto, analisei a proposta curricular e o caderno do professor e compreendi ser inviável o desenvolvimento de uma ação didática nos moldes da proposta oficial. Desde o planejamento até a avaliação, passando pela decisão dos temas de estudo e

das atividades pedagógicas, entendo que o currículo deve ser desenvolvido com olhar atento ao que acontece na sala, na comunidade e na vida dos alunos. Uma proposta hermética, onde o que ensinar e fazer já estão determinados, pouco dialoga com os sujeitos requisitados pela sociedade contemporânea: identidades democráticas, críticas e sensíveis à diversidade cultural.

Por essa razão, amparei-me nos pressupostos teóricos que subsidiam a perspectiva cultural da Educação Física – os Estudos Culturais e o multiculturalismo crítico – e iniciei as atividades com um mapeamento. Para tanto, apresentei quatro questões aos alunos:

Quais atividades acontecem na comunidade?

O que você sabe sobre capoeira, hip hop e futebol de várzea?

Você pratica alguma(s) dessa(s) atividade(s)? Quais e onde?

Você conhece alguém ou grupo de pessoas que pratica ou praticou capoeira, hip hop ou futebol de várzea?

Como resposta à primeira questão, os estudantes disseram: futebol, hip-hop, basquetebol, bateria, teclado, grafite, voleibol e capoeira. Essas atividades são oferecidas dentro da Fundação Cafu, sediada nas proximidades da escola. Segundo o site da própria organização, as instalações foram criadas em 2001, tendo como endereço o bairro Jardim Irene. Sua principal ação é diminuir a exclusão social por meio do acesso aos programas e projetos de educação e cultura.

Diferentemente da anterior, a questão 2 procurou verificar o quanto os estudantes conheciam sobre as três manifestações: capoeira, hip-hop e futebol de várzea. Essas práticas foram escolhidas porque fazem parte dos temas a serem trabalhados no primeiro semestre, de acordo com a proposta curricular do Estado de São Paulo. A discussão foi tímida, os estudantes mencionaram poucas informações sobre as práticas.

Capoeira – dança, luta de escravo, berimbau, atabaque, agogô, esporte, pandeiro, macumba;

Hip-hop: dança de rua, veio ao Brasil nas décadas de 60 ou 70, originou-se na Filadélfia (EUA), break dance, robô;

Futebol de várzea: amador, juiz, bandeira, valendo refri, arquibancada.

As respostas à questão 3 evidenciaram que alguns estudantes tiveram contato com as manifestações. Talvez a timidez ou a pouca oportunidade de expor opiniões ao longo da vida escolar tenha inibido os alunos. Causou estranhamento o fato de verem-se como protagonistas ou simplesmente ouvidos pelo docente. Entretanto, notoriamente, o sentimento de valorização das informações trazidas das ruas ou até mesmo de casa se fez presente, já que parte da turma argumentou possuir amigos, pais e até mesmo avô que praticam e ou praticaram as manifestações.

Após a discussão com os estudantes e entre eles, selecionei o futebol de várzea como tema de estudo. A escolha dessa prática foi favorecida pelo conhecimento que os estudantes carregavam e o quanto estava enraizada na família de alguns. Além disso, na a cerca de 2 km há um campo onde se pratica a modalidade.

Escolhida a manifestação, realizei um segundo mapeamento. Numa conversa mais descontraída, levantei os conhecimentos dos sobre a manifestação em pauta, registrando-os na lousa.

Praticado em campos; É um futebol amador; Os jogadores não recebem salário; Não é praticado em estádios; Não tem técnico; Não disponibiliza de patrocínio; Praticado aos finais de semana porque os jogadores trabalham durante a semana; Não tem árbitro; Não fazem peneira; Tem poder financeiro inferior ao profissional; A maioria dos jogadores profissionais passa pela várzea; É um esporte praticado por homens e mulheres; A maioria dos campos é de areia e barro; Os times são patrocinados pelo time local.
--

Campos de várzea localizados na região:

Jardim Irene;
Jardim Rosana;
Parque Fernanda;
Jardim São Luiz;
COHAB;
Jardim Umarizal;
Parque do Lago;
Comercial;
Independência;
Dom José;
Itapecerica;
Valo Velho.

Principais times da região:

Ajax;
Botafogo da Favela;
Tefal;
União;
Back's.

Meio acanhados e com certa vergonha, os estudantes estavam receosos de errar. Argumentei diversas vezes para não se preocuparem em saber se estava errado ou não, pois naquele momento o que mais importava era simplesmente levantar informações sobre o tema, conforme a aula foi passando, se viram com mais liberdade para expressar-se e colocar as opiniões. Observei também que a participação dos meninos foi maior que a das meninas, devido às vivências que possuíam com o futebol de várzea.

Realizado o mapeamento, passamos às vivências. A escola não dispõe de grandes recursos. A quadra fica no piso superior do prédio, sendo o único espaço capaz de favorecer a vivência da manifestação. Experimentamos uma contradição: vivenciamos o futebol na quadra (futsal) e estudamos o futebol praticado no campo. Durante a vivência preferi deixar os estudantes organizarem os jogos da maneira que achassem melhor. Aproveitando da relação de vantagem sobre as meninas, os garotos promoveram as partidas iniciais enquanto elas permaneciam afastadas. Descontente com a opressão, sugeri às meninas que entrassem

na quadra para jogarem com os meninos. Como resposta, obtive: “Os meninos são cavalos!”; “Os meninos vão me machucar. Então eu não jogo!”; e “Professor, as meninas são ruins, não dá para jogar com elas!”

Parecia óbvio que tais posicionamentos justificavam a não participação das vivências. Pedi-lhes que criassem e apresentassem uma maneira de vivenciar a experiência. As meninas pediram para fazer partidas só de meninas e só de meninos. Como todos concordaram, assim foi feito.

As discussões causaram grande estranhamento entre os estudantes, pois as oportunidades de aprendizagem oferecidas até o momento nas aulas de Educação Física pouco favoreceram a exposição de ideias. A maioria, quando colocado o problema por mim, esboçou suas opiniões gritando, gesticulando, atropelando a fala dos colegas, mas, aos poucos, conseguiam chegar a um consenso.

Aproveitando o ensejo para incitar reflexões. Perguntei à turma por que havia tanta resistência das meninas e dos meninos de jogarem juntos. Por unanimidade se apoiaram no discurso de superioridade da força masculina sobre a feminina. Irredutíveis sobre suas opiniões, os estudantes decidiram manter as próximas vivências da mesma forma que a primeira.

Na continuidade, a fim de situar os estudantes sobre a história da manifestação futebol, iniciamos uma discussão sobre a origem, chegada ao Brasil e principais praticantes no início do esporte em território nacional.

Apresentando a história do futebol, vimos que muito se fala sobre o paulistano Charles Miller que, em 1894, trouxe da Inglaterra dois conjuntos de uniformes e um objeto esférico inflável, que os ingleses chamavam de *ball*. Miller começou a difundir o esporte no país, tornando-o paixão nacional em menos de 30 anos. Para muitos historiadores, entretanto, o futebol havia chegado bem antes, através de marinheiros ingleses cujos navios aportavam em nossas terras. O ano de 1874 é o mais citado como “apito inicial” do futebol no Brasil. O local foi a praia da Glória, no Rio de Janeiro, para uma apresentação à Princesa Isabel. De qualquer maneira, por muito tempo o futebol permaneceu como uma prática elitizada.

Após a discussão, voltamos às vivências, mas havia grande incômodo quanto à participação de um aluno cadeirante, pois ele queria jogar. Desconfortáveis com a situação, os colegas me questionaram como aconteceria sua participação. Informei à turma que jogaria da mesma maneira que todos. Iniciado o jogo, o estudante cadeirante pediu para um colega ajudá-lo a se locomover empurrando a cadeira. Ficou clara a insatisfação de alguns em tê-lo como companheiro de time, mas isso foi somente no início. Conforme o jogo se desenrolava,

foram criadas estratégias aproveitando a cadeira de rodas, por exemplo, quando o jogador com posse de bola estava próximo dele, usava-o como barreira para que o adversário não pegasse a bola. Em outros momentos fazia o “um-dois”, usando a roda da cadeira para fazer tabela.

Na aula seguinte discutimos a participação do colega cadeirante durante a vivência. A maioria dos estudantes ficou surpresa com seu envolvimento, pois ao longo dos 3 anos em que fazia parte da turma, nunca lhe havia sido dada a oportunidade para jogar. O seu local era a lateral da quadra. Comentando a vivência, alguns disseram que o principal espaço ocupado por ele foi o ataque. Daí decidiram adjetivá-lo de banheira. Perguntado sobre o que achou de sua participação, ele respondeu que gostou da experiência e pretendia seguir participando daquela forma.

A discussão sobre a história do futebol de várzea foi o próximo passo. Tomando como base as informações disponíveis no portal www.jornaldavarzea.com.br, verificamos que a manifestação é uma denominação brasileira, típica do Estado de São Paulo. Surgiu a partir da prática do esporte bretão em campos feitos nas várzeas às margens do rio Tietê, e do atual Parque São Pedro, antes mesmo do profissionalismo no Brasil. Além disso, vimos que o grande interesse dos praticantes não é apenas fazer gol ou ganhar campeonatos, mas sim reunir os amigos para um bate-bola. Sabendo da disponibilidade de espaços para prática, verifica-se a influência no comércio das proximidades às sedes das equipes. Os botecos e padarias transformam-se em pontos de concentração antes e após os jogos, além de vitrines para exposição de troféus conquistados.

Na continuidade, retornamos à quadra para produzir novas vivências. Ainda irredutíveis às mesclas, as meninas seguiram com os jogos entre elas, mantendo as justificativas já mencionadas. Enquanto ocorriam as partidas, comecei a perguntar aos estudantes que estavam de fora o significado de alguns elementos do futebol: escanteio, lateral, pênalti, tiro de meta, nome das linhas da quadra etc. Observei que a maioria tinha dificuldades em responder às indagações. Essa constatação surpreendeu-me pois os alunos tinham um contato bastante intenso com o futebol: na escola, nos anos anteriores e, fora dela, na rua, nos campos e através da televisão.

Como contragolpe ao que foi constatado, iniciamos a aula discutindo os elementos citados. Fugindo das práticas educacionais corriqueiras, pedi aos estudantes que conheci- am os pontos abordados para explicarem ou descreverem na lousa os significados, a fim de valorizar o patrimônio que possuíam.

Contribuindo ainda para o aumento das informações sobre a manifestação em pauta, passamos a conversar sobre os personagens do futebol varzino. Segundo informações obtidas no sítio eletrônico, há participação maciça de pessoas da classe operária.

Voltando às vivências, questionei os meninos a respeito do critério adotado para definir a vez de quem iria ocupar a posição de goleiro. Vendo os menos habilidosos permanecerem a maior parte dos jogos nessa condição, perguntei-lhes os motivos que os levavam àquela situação. Sem obter repostas, pedi para criarem uma forma mais justa de decidir a vez de ir para o gol, pois o critério de escolha do goleiro – desempenho técnico na linha - apenas contribuía para exclusão do colega. Convencidos da situação, optaram por definir a vez usando o “2 ou 1” e “par ou ímpar”.

Ainda com relação ao jogo, enfatizei a importância de citar o nome dos elementos discutidos na aula anterior, sempre que surgiam aquelas situações. Visando estimular a leitura sobre as experiências, indaguei a turma sobre as características dos jogos realizados pelos meninos e pelas meninas. Concisos nas falas, a maioria disse que o jogo produzido pelas meninas é caracterizado por um número elevado de laterais e escanteios, enquanto o dos meninos, têm um número grande de faltas devido ao excesso de força nas jogadas, além de fazerem muitos gols.

A fim de corroborar as discussões já produzidas, fomos à sala de vídeo assistir a dois filmes previamente selecionados. Um apresentava a situação dos campos de várzea, tendo como foco as dificuldades de sobrevivência devido à especulação imobiliária e expansão urbana. O outro narrava a história da manifestação e apresentava relatos dos seus representantes. Terminando a visualização, a partir da assistência, discutimos as ocupações dos campos de várzea na região. Exemplo disso foi a construção do Centro Educacional Unificado “Cantos do Amanhecer” no antigo campo do Cafuringa. Contudo, não discutimos qual dos dois equipamentos tem maior importância para a comunidade.

O conteúdo do vídeo despertou nos alunos o desejo de desenvolverem uma vivência mais próxima ao futebol de várzea. Para tanto, era necessário ir ao palco, o próprio campo de terra. Fui à Associação Internacional de Interesse à Humanidade (AIIH), uma Organização não Governamental (ONG) que atua na região e desenvolve um trabalho com a modalidade, onde pude conversar com os responsáveis. Após as explicações sobre o trabalho que estava realizando, o convidei-os para irem à escola para fazerem uma explanação do trabalho da entidade com o futebol de várzea na região.

Na aula seguinte iniciamos os preparativos para receber os convidados. Os estudantes disseram nunca terem tido uma palestra desde que estavam na escola. Isso corrobora a

importância do rompimento das práticas monótonas que compreendem a sala de aula como único espaço formativo. Convencidos da oportunidade oferecida para aumentar seus conhecimentos sobre a própria comunidade, a turma demonstrou enorme satisfação na atividade.

Chegado o dia da palestra, o Prof. Claudio e o Sr. Gilson, que é pai de uma aluna da escola, iniciaram a conversa apresentando as atividades oferecidas na AIIIH. Com mais experiência para falar em público, o primeiro explicou sobre a trajetória ONG no futebol de várzea da região. Com rica vivência no Jardim Ângela, o mestre contou que havia sido treinador do jogador Leandro Damião. Mas, enfatizou que a principal razão do seu trabalho com o futebol é afastar os jovens e crianças das drogas e da criminalidade, sem preocupar-se com a busca de talentos ou a formação de atletas profissionais.



O Sr. Gilson informou que na região há cerca de 40 times de futebol, que reúnem uma média de 500 pessoas, considerando somente os jogadores, pois se for levada em conta a presença da torcida, patrocinadores e comissão técnica, a quantidade aumenta cinco vezes. De acordo com o palestrante, essas equipes são formadas por jogadores adultos homens, a presença da mulher dentro de campo ainda é incipiente, pois o número de interessadas em participar é baixo.

Fora de campo, as mulheres contribuem com as equipes torcendo pelo time do marido ou namorado, lavando os uniformes e no preparo de comida em momentos de confraternização. Embora sua participação seja com atividades de cunho doméstico, não

podemos desconsiderá-la, pois a sobrevivência dos times é garantida por ações orquestradas por elas.

O Prof. Claudio citou a participação do ex-atleta Cafu na comunidade do Jardim Irene. A maioria dos estudantes, assim como eu, acreditávamos que ele colaborava com o bairro e com a manutenção do campo. Para nossa surpresa, descobrimos a enganação bem armada com o recurso da mídia. A ONG AIIH se mantém com recursos do governo e mediante uma parceria com a Adidas, cujo apoio foi disputado com a própria fundação do jogador. A informação chocou a todos porque acreditávamos que a presença da Adidas na instituição estava estritamente ligada ao Cafu.

Aprofundando ainda mais nosso conhecimento, fomos informados que o trabalho realizado na ONG com o futebol de várzea visa oferecer uma opção de lazer aos jovens e crianças durante o período que não estão na escola. Os campeonatos são disputados nos finais de semana com torneios organizados pelas prefeituras de Embu das Artes e São Paulo ou por entidades privadas.

Finalizando o encontro, os estudantes foram convidados a realizar uma vivência com os frequentadores da AIIH no campo. Empolgados com o convite, agendamos uma visita para semana seguinte.

Na data combinada, caminhamos até a AIIH. Muitos estudantes nunca haviam percorrido as ruas do bairro para chegar ao campo, exemplo disso foi o Tales, que teve que ser ajudado pelos colegas devido à sua mobilidade reduzida. Nitidamente via-se a felicidade no rosto de todos os envolvidos, pois era a primeira oportunidade de coletivamente vivenciar algo fora da escola.

Chegando à ONG, fomos recebidos pelas mesmas pessoas que nos convidaram, mais o presidente da entidade, os Sr. Marcos Guarani. A conversa teve como foco a divulgação das atividades, a história pessoal dos responsáveis e a luta ao longo dos anos para manutenção e sobrevivência do espaço. Finalizando a apresentação, o grupo passeou pelo prédio para conhecer as instalações e dirigiram-se aos vestiários para preparar-se para o jogo. Tudo foi registrado através de fotografias.



No campo, os estudantes permaneceram resistentes, preferindo manter a separação dos jogos entre meninos e meninas. Realizamos dois jogos com os meninos e outros dois com as meninas, porém o primeiro jogo das meninas contou com a participação de alguns garotos que frequentavam as atividades da ONG. No segundo, as meninas pediram para retirá-los, pois acreditavam que a partida ficaria mais equilibrada entre as equipes. Consagrando o momento ímpar, após a vivência, agradecemos aos gerentes da entidade a oportunidade que nos foi dada e retornamos à escola da mesma maneira que saímos, caminhando.

Finalizamos o projeto com a organização de café da manhã na escola. A ideia surgiu porque constatei que muitos alunos chegavam para a primeira aula comendo pão ou bolachas. Em meio à refeição, assistimos uma apresentação dos registros fotográficos da visita e discutimos as ocorrências do passeio.